

## Personagens e Histórias do Rádio Esportivo Paraibano<sup>1</sup>

Norma MEIRELES<sup>2</sup>

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

### Resumo

Este trabalho busca resgatar histórias de vida e profissional de radialistas esportivos paraibanos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa cuja metodologia principal é a história oral. Para tanto, nos utilizamos de entrevistas semi-estruturadas realizadas com quatro profissionais do rádio esportivo na Paraíba: Eudes Toscano, Fernando Heleno, Franco Ferreira e Ivan Bezerra. Com este trabalho esperamos poder contribuir com o fortalecimento da memória do rádio esportivo paraibano através das histórias de seus profissionais.

**Palavras-chave:** Rádio, Esporte, Radialista, História, Paraíba.

### Introdução

Frequentemente, os radialistas costumam ser reconhecidos pelo público por suas vozes, mas essa realidade tem se modificado um pouco com a internet, seja pela popularização das redes sociais ou pela transmissão de conteúdos via internet por parte das emissoras. A imagem do profissional, antes bastante idealizada pelo ouvinte, agora pode ser encontrada no site da emissora na qual trabalha, ou ainda nos perfis mantidos em redes sociais, a exemplo do *Twitter* e do *Facebook*. Entretanto, muito ainda não se sabe sobre as histórias de vida e trajetórias profissionais de diversas pessoas que tem se dedicado anos, décadas, ao rádio, embora a pesquisa específica sobre história do rádio tenha sido objeto de muitos estudos nas duas últimas décadas, como observa Haussen (2011) ao analisar a pesquisa em rádio no Brasil.

No contexto das pesquisas sobre rádio, vale salientar o papel do Grupo de Rádio e Mídia Sonora da Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, que com pontua Prata (2011, p.1), “catapultou a área como locus privilegiado de investigação” a partir de 1991. A autora (2011, p. 6) também observa que a

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Radialista, jornalista, mestre em educação. Professora de radialismo da UFPB, email: norma.meireles@gmail.com

maioria dos pesquisadores do núcleo está em instituições do sul e do sudeste do país, que juntas “somam 72% do total”. Entre as diretrizes propostas por Prata (2011, p.15) para o futuro do GP está o de “avançar nas pesquisas: superar a fase de estudos históricos de caráter descritivo linear limitado e discutir abordagens teóricas e metodológicas consistentes, apoiando os trabalhos mais fortemente nas teorias da comunicação e nas abordagens interdisciplinares.” Essa necessidade de buscar outros temas também é citada por Haussen (2011, p.6); entretanto, a autora ressalta tudo deve ser feito “sem abandonar os estudos de história [...]”

Assim, percebemos que as enormes lacunas antes existentes sobre história do rádio brasileiro e suas regionalidades vêm sendo preenchidas com diversos trabalhos, mas na região nordeste, mais especificamente na Paraíba, onde destacamos o trabalho de Sousa<sup>3</sup> (2005), ainda há muito o que se pesquisar. Então, este artigo surge com a intenção de contribuir com a história do rádio paraibano através de seus profissionais, especificamente na área esportiva. A ideia surgiu a partir da nossa participação em dois trabalhos coletivos do GP de Rádio e Mídia Sonora (*O Rádio e as Copas*, coordenado por Patrícia Rangel e a *Enciclopédia do Rádio Esportivo Brasileiro*, coordenado por Nair Prata e Maria Cláudia Santos) quando realizamos sete entrevistas, das quais selecionamos quatro para analisarmos aqui com os seguintes profissionais: Eudes Toscano, Fernando Heleno, Franco Ferreira e Ivan Bezerra. Elas nos revelam, parafraseando Tavares (1999), histórias que o rádio na conta.

### **História oral**

História oral, de acordo com Alberti (2004, p.18), “é um método de pesquisa [...] que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo.” A autora ainda pontua que

O método da história oral produz fontes de consulta (as entrevistas) para estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjuntura etc. à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou testemunharam.

---

<sup>3</sup> Moacir Barbosa de Sousa foi professor de Comunicação Social da UFPB, atualmente atua na UFRN.

Bufarah Júnior (2012) afirma que “o resgate da memória do rádio no Brasil tende a ser um trabalho de investigação que mescla o levantamento do que sobrou dos arquivos, com uma forma eficaz de registrar estes recortes.” Assim, “uma das possibilidades mais utilizadas está baseada nos relatos e entrevistas dos profissionais envolvidos nas produções radiofônicas.” Neste trabalho, não são os programas radiofônicos em si que tem destaque, mas as trajetórias profissionais e de vida dos entrevistados, que obviamente se relacionam intimamente com o rádio e o esporte.

As entrevistas com Eudes Toscano, Franco Ferreira e Ivan Bezerra foram realizadas nas suas respectivas residências na capital paraibana. Apenas a entrevista com Fernando Heleno foi concretizada nas dependências do Departamento de Comunicação e Turismo da UFPB e foi a mais longa, com cerca de três horas, subdividida em seis arquivos sonoros. Com ênfase Mustafá (2011, p.6), “Quando o pesquisador está com a fonte, é necessário esquecer a pressa, ter paciência e respeitar o silêncio, as pausas e, principalmente, as declarações emotivas e fragmentadas. Essas atitudes e comportamentos têm significações e compõem a narrativa.”

### **Os profissionais e suas narrativas**

O fio condutor das histórias aqui presentes é a paixão pelo rádio e pelo esporte. Então, adotamos o critério da ordem alfabética para expô-las. A faixa etária dos entrevistados vai dos 55 aos 79 anos de idade, todos ainda em atividade em emissoras AM e FM de João Pessoa. São dois comentaristas, Fernando Heleno e Ivan Bezerra; um repórter, Franco Ferreira, e um narrador, Eudes Toscano.

Gramático (2002, p.110) observa que “se há um setor em rádio em que o reconhecimento do público é mais imediato, este setor certamente é o esportivo.” A autora continua: “os repórteres, locutores e comentaristas, têm horários de trabalho difíceis: nunca folgam em finais de semana, viajam muito passando longas temporadas longe da família, a exemplo dos demais ganham pouco, mas são conhecidos do público rapidamente.” Mas parece que os radialistas esportivos também sabem aproveitar as oportunidades das coberturas em outras cidades, estados e países, como podemos observar nos relatos.

## **Eudes Toscano, o jogador e narrador**

Nascido em 22 de fevereiro de 1942, na cidade de Santa Rita, na Paraíba, Eudes Moacir Toscano ficou órfão de pai cedo, aos dois anos. Na infância, como muitos garotos, Toscano (2012) preferia jogar futebol a estudar “e por conta disso perdi ainda um bom tempo, mas acabou tudo dando certo, porque me encaminhei através do futebol, consegui, jogando futebol, emprego, e daí então fiz a minha caminhada profissional até o momento em que comecei a fazer paralelamente rádio.” Toscano (2012) conta que desde garoto “tinha essa vontade do rádio.” Ao ser indagado sobre as influencias que o levaram ao rádio ele rememora:

Eu tenho a impressão que foi a copa de 1950, porque eu tinha 8 anos em 50 e minha mãe vinha recebendo dinheiro no antigo instituto de ... IAPC, Instituto de Aposentadoria de Pensão dos Comerciários, e ela comprava a revista *o cruzeiro e a noite ilustrada*, e nós voltávamos para Santa Rita de trem e aos 8 anos eu já ia lendo, e aquilo me chamava atenção, mas a única coisa que eu me agarrava era a copa do Mundo. Eu chegava em casa, pegava a revista pegava as escalações, as equipes, sentava lá na cama e começava a transmitir futebol numa caixa de fósforo, com a mão assim na frente (leva uma das mãos à boca) pra dá um som de rádio, mais ou menos. Assim, aos oito anos já tinha essa tendência, e aí em 1960, mais ou menos, comecei a transmitir futebol em rádio de interior.

Toscano começou a trabalhar aos 16 anos, como jogador de futebol. Posteriormente integrou o time de uma grande companhia de tecidos da cidade de Santa Rita, tendo sido jogador profissional por dez anos, ao mesmo tempo em que conseguiu acumular cargos burocráticos. Em 1960 passou a também transmitir jogos pela Rádio Difusora de Santa Rita. Toscano (2012) identificou no rádio um porto seguro como narrador de futebol, mas continuou trabalhando no setor burocrático de empresas privadas até 1998: “quando o rádio entrou na minha vida, então, eu me agarrei e achei que aquilo ali seria, éh, no futuro, uma garantia para mim.” Ele não conseguiu terminar o segundo grau, mas fez diversos cursos para aperfeiçoamento profissional.

Após a atuação na Difusora de Santa Rita trabalhou na Rádio Sociedade e a partir daí ganhou mais visibilidade, sendo chamado para trabalhar na Rádio Arapuan, em João Pessoa, passando a ser radialista profissional em 1964. Integrou ainda a equipe esportiva pela Rádio Caturité, de Campina Grande e em 1968 entrou para a Rádio Tabajara (estatal paraibana), emissora com a qual mantém vínculo até hoje. Passou também pela Rádio

Correio da Paraíba no período de 1977 a 1979. Apesar do vínculo com Rádio Tabajara, no momento ele está afastado e faz parte da equipe esportiva da Rádio Miramar FM.

Sua trajetória profissional no rádio sempre esteve relacionada ao esporte, embora ele também tenha apresentado outros programas:

Rádio esportivo, sempre rádio esportivo. Fiz também programa, apresentação de programa jornalístico, de jornal falado, mas era aquela estória do quebra galho, faltava um... ‘Não, não, o Eudes faz.’ Então, chegava lá, fazia e acabava dando tudo certo, mas a raiz, a essência da coisa dentro de mim sempre foi o rádio esportivo.

Como narrador, participou da cobertura de eventos de futebol no Brasil e no exterior, com destaque para as eliminatórias de Copa do Mundo de 1970, Copa Independência em 1972 e Copa do Mundo de 1990. Sobre as eliminatórias de copa do mundo de 1970, Toscano (2012) recorda:

Com o registro especial disso de que eu fiz em 69, os jogos Colômbia, Venezuela, Paraguai, e um desses jogos foi exatamente o jogo final em que o Brasil se classificou. Maracanã, que ninguém mais verá um espetáculo daquele que não somente eu vi, mas 183 mil pagantes. Eu morava em Santa Rita, na época, e quando anunciei o público, aquilo me arrupiou porque Santa Rita, na época tinha 50 mil habitantes e eu estava ali transmitindo um jogo de futebol com quase quatro vezes a população da a minha cidade. E hoje ninguém mais verá isso porque nenhum estádio mais terá essa capacidade. Primeiro se constrói hoje arenas, eh, com multi inovações e tal, servindo pra tudo. E a violência, ela fez com que o torcedor de futebol, principalmente aquele que gosta de ir pro estádio levando a sua família, levando o seu filho, levando a esposa, a namorada ele deixasse de freqüentar, vá deixando de freqüentar os nossos estádios. Há uma diferença muito grande do comportamento do torcedor europeu para o torcedor brasileiro hoje. Você assiste uma decisão de um campeonato espanhol, de um campeonato português... E não é só pelo clima, que é um clima frio e que eles tem que se agasalhar e tal, mas você sente não é só a elegância em vestimenta, mas é a própria elegância da pessoa em comportamento. E isso, à maneira que vai se diminuindo os estádios, os espetáculos vão, vão tendo os seus problemas, e ninguém, a minha colocação foi essa, ninguém verá jamais um jogo de futebol com 180 mil pagantes. O Maracanã tinha aproximadamente uma capacidade para 200 mil pessoas, hoje, com toda a estrutura que está sendo implementada dentro do Maracanã, visando a copa do mundo de 2014, tem uma capacidade de 80 mil pessoas, quer dizer, se perdeu 100 mil torcedores a uma condição de modernização e até talvez uma melhor condição de conforto ao torcedor, mas o espetáculo... Foram 183 mil pagantes, com 13 mil não pagantes, que dizer 196 mil pessoas. Eu fui testemunha deste espetáculo que ninguém verá mais no mundo.

O que alega Toscano (2012) como narrador é “o gol, o momento do gol e um bom espetáculo, é você saber que está naquele estádio, aonde tantos fatos aconteceram, Morumbi, Maracanã, [...] estádio de Turin. Os estádios que você passa e você guarda na memória como fato marcante, então isso alega.” Mas ele também demonstra descontentamento: “o que não alega é, por exemplo, quando você vai trabalhar em um espetáculo e ele não chega ao seu final, a indisciplina reina, a corrupção existente no futebol.” Para Toscano, um profissional com tantos anos de rádio, a corrupção desestimula o trabalho: “continuo, mas já não se tem mais aquele entusiasmo de antes, até a própria sequência daquilo que você vê, e de fatos desses como você tem de corrupções, disso, uma série de coisas, vai se perdendo aquele elan, aquela vontade de você cada vez mais se dar.”

Toscano (2012) se autodefine como “um cara amigo, incentivador do surgimento de valores.” É autor do livro *Na Boca do Gol. Andadas de um Narrador Esportivo* (2007), no qual reúne uma série de crônicas originalmente publicadas no jornal A União.

### **Fernando Heleno, o revolucionário**

Fernando Heleno (Duarte) é jornalista, advogado, radialista esportivo, e professor universitário aposentado. Nasceu na cidade de Paudário, Pernambuco, no dia primeiro de novembro de 1937, mas foi registrado em 30 de julho de 1938. Filho de agricultores, teve 11 irmãos e se mudou para Recife para estudar aos 10 anos, acompanhando uma irmã que havia casado. Heleno (2012) lembra que começou a fazer resenha esportiva com amigos no bairro do curado, na capital pernambucana:

Eu comecei a bater bola com o pessoal, e de noite, no domingo a gente fazia uma resenha esportiva num clubezinho popular. Tudo isto estava na base da popularidade. Tudo popular e tal, um negócio e outro! Depois eu inventei, éh, de querer chegar no centro de Recife e trabalhar em rádio. Não consegui na primeira tentativa, mas eu inventei ser arbitro de futebol e comecei a apitar as partidas preliminares dos jogos de Pernambuco.

Heleno graduou-se em jornalismo pela Universidade Católica e Pernambuco em 1966. Iniciou a carreira como repórter na Rádio Olinda e depois passou a ser comentarista.

Na Rádio Olinda eu comecei como repórter, depois como comentarista, mas tinha um comentarista que era Jota Soares [...] ele chegou um dia a Aldir Dudman e disse: ‘Aldir, esse menino é bom se ele fosse narrar...’ Aí me botaram para narrar, não deu certo. Aí fui comentar arbitragem, não

deu certo porque ele disse “a arbitragem está englobado no meu comentário.” Um cara respeitado, Jota soares, o campeão de audiência [...]. (HELENO, 2012).

Ainda em Pernambuco passou por emissoras de rádio e televisão além de ter escrito para o Diário de Pernambuco. Mudou-se para João Pessoa, em 1976, e em 1978 começou a trabalhar na Rádio Tabajara, na capital paraibana, emissora na qual permaneceu até 1992. Fez carreira como comentarista no rádio esportivo ao mesmo tempo em que cursou direito, graduando-se pela UFPB em 1985, instituição na qual foi professor de direito entre os anos de 1992 e 2008. Também é licenciado em educação moral e cívica, pela Universidade Rural de Pernambuco.

Heleno (2012) acredita sua carreira como jornalista em outras áreas foi dificultada por seu espírito revolucionário, encontrando espaço apenas no esporte:

[...] Esportivo, porque ninguém queria, ninguém queria me ouvir não. Eu tenho espírito de revolucionário, daquele que não cala a boca, é por isso que eu não consegui sucesso no jornalismo porque para escrever no jornal dos outros eu não poderia escrever o que eu quero escrever.

Em João Pessoa trabalhou nas rádios CBN, Sanhauá, entre outras, mas considera a Rádio Tabajara a “célula mater” do seu trabalho como radialista esportivo. Na emissora estatal paraibana Heleno também prestou assessoria jurídica. Na Tabajara, além de ter comentado jogos de duas Copas América, uma no Brasil e outra no Chile, também fez parte da equipe que cobriu a Copa do Mundo de 1986, no México. Para Heleno (2012), a experiência da cobertura da Copa “foi um sonho! Foi um sonho porque a gente estava lá, sabíamos que estava chegando a voz da gente aqui tudo bem!!! Mas não estava no ambiente da gente, à vontade. Com medo de terremoto [...]”

Quando questionado sobre o trabalho cotidiano na Copa de 1986, Heleno (2012) lembra:

Ah... Primeiro eu me deslocava na área do setor de imprensa, buscando informações, né? Relativas aos participantes da Copa e é justamente naquela hora que a gente pedia aquelas meninas, que elas diziam: ‘si, señor ahorita!’ (sim senhor, agora mesmo), ‘ahorita’, e a gente ia procurar. Agora com aqueles dados todinhos, a gente preparava a relação de quem ia jogar e não tinha preocupação de falar, éh... Espanhol. Falava com uma rede brasileira e a gente ficava à vontade totalmente, aí, aí sim! [...] Mas o futebol fica muito comum em determinadas momentos, a arbitragem é a mesma coisa, só muda o critério de quem está aplicando as leis. Um tem o rigor, outro afrouxa demais o negócio e aí o jogo vira bagunça, mas o futebol... e também o jogador de futebol tem os nervos muito à flor da

pele. É um contato físico permanente, né? [...] É um negócio danado, mas é uma sensação, eu me sentia como se eu tivesse sendo o dono do mundo, falando para todo o mundo aí e tal, o cara me perguntando e eu querendo criar alguma coisa.

Helena (2012) afirma que recebe “o maior salário da minha vida com o papo que eu tenho com os que escutam meus comentários.” E acrescenta:

Outra coisa. Eu não engano aqueles que me escutam. É o ouvinte é quem paga o seu salário. Seja ele, pelo elo ou pela importância que você tem como profissional daquela área e receber o salário de uma empresa, ou então encontrar o cara lá na rua, e dizer, ‘mas rapaz eu escutei você ontem. Eu gostei daquele negócio.’ Isso aí é o que eu digo, é o maior salário que eu recebo é esse!

Mesmo tendo se aposentado como pela Rádio Tabajara e pela UFPB, Fernando Helena atualmente integra a equipe esportiva da Rádio Miramar FM, em João Pessoa.

### **Franco Ferreira, apaixonado por rádio**

Filho e neto de agricultores, Franco Ferreira (Francisco de Assis Clemente Ferreira) nasceu em Campina Grande, no dia 22 de janeiro de 1959. É o terceiro filho de um total de dez irmãos, dois deles mortos ainda bebês. Da infância até os 18 anos morou em um sítio no interior da Paraíba, trabalhando na roça, fazendo farinha e plantando, depois foi ajudante de caminhão, ajudante de pedreiro, pedreiro, feirante e moldureiro. Ferreira (2012) recorda: “até 18 anos eu trabalhei no pesado, pesado mesmo, que eu acho que hoje a juventude não agüentaria esse rojão que eu passei não, que eu trabalhei.”

Ainda na infância, costumava ouvir programas de cantadores de viola. Como adorava futebol, também escutava programas esportivos.

Rapaz, eu, éh, sinceramente eu era um cara doido por rádio, eu acho que se eu não tivesse entrado em rádio eu acho que eu tinha ficado... Estava andando pela rua jogando pedra. E eu morava na cidade de Lagoa Seca, que é vizinha a Campina Grande, lá quando eu estava morando na cidadezinha e foi na época que eu comecei a despertar a ouvir radio e... num radinho de pilha, eu ouvia os programas de cantador de viola, no final de semana, doido por futebol, gostava de futebol, ouvia a equipe esportiva. Eu me inspirei muito em Joselito Lucena, Francisco se Assis Rolé e Gilson Souto Maior, meu professor, que é o eterno professor da gente na... de rádio, um cara completo...E eu começava a ouvir aquele pessoal, Humberto de Campus, Adalberto Alves, Levi Soares, Kléber Soares... E eu era apaixonado, eu dizia, a todos os meus amigos eu dizia, rapaz eu vou trabalhar em rádio, vou trabalhar em rádio...



Já depois de casado e morando em João Pessoa, quando tinha vinte e poucos anos, conseguiu iniciar sua carreira no rádio: “[...] E eu fui pra rádio, fiz um... e terminei entrando, o cabra me chamava de doido. ‘- Esse cara tá ficando doido, trabalhar em rádio, cabra sabe nem falar, vai trabalhar em rádio...’ (com a voz modificada). Com esse pensamento que eu entrei no rádio.

Ferreira (2012) relata que para ele tudo começou tardiamente: “tudo na minha vida... Estudar, tudo começou, tudo antigo, tudo eu já estava maduro, velho.” Ele foi pela primeira vez à escola aos 11 anos por conta própria e procura lembrar do diálogo com a professora: “Eu mesmo fui lá: ‘-Professora quero me matricular... - É isso mesmo? - Não, eu quero!’ Eu que fiz e comecei a estudar com 11 anos. E teve dificuldades, essa coisa toda.”

Terminou o segundo grau com 25 anos e entrou na universidade aos 33, quando já era um profissional do rádio. Graduou-se em Comunicação Social, Jornalismo, pela Universidade Federal da Paraíba aos 38 anos e recentemente concluiu uma especialização em Jornalismo Televisivo. Tem orgulho de ser jornalista graduado. Ferreira (2012) recorda:

98 me formei, foi quando eu... Já era radialista na época, entendeu? Fazia rádio. Até o pessoal reclamava: ‘-Rapaz você vai perder 4 anos de universidade, sentado lá, você já é profissional, já está falando no rádio...’ Mas eu queria mais, eu queria mais coisas, eu queria aprender, eu queria ter o canudo, eu queria ser legal na profissão. E aconteceu assim, eu me formei em 98, Universidade Federal da Paraíba. E tenho esse canudo com muito orgulho, uma conquista, o meu maior troféu.

Como jornalista trabalhou nos jornais Momento, A União, O Norte e atualmente faz parte do Jornal Correio da Paraíba. É dono de um site especializado em esportes ([www.soesporte.com.br](http://www.soesporte.com.br)). A trajetória no rádio começou na Rádio Arapuan AM, depois Franco Ferreira passou cinco anos na Rádio Sanhauá AM até ingressar na rádio Tabajara em 1990, emissora em que trabalha até hoje, integrando a equipe esportiva. Tem domínio da área esportiva, mas já cobriu diversas outras áreas, inclusive política: “no rádio eu já fiz tudo, eu já fiz tudo nessas coisas, eu acho que o rádio esportivo eu tenho domínio, graças a Deus o tempo me deu essa credibilidade, a confiança de poder dominar” (FERREIRA, 2012).

Para Ferreira (2012), “a reportagem é uma brincadeira” e é exatamente por essa liberdade para brincar que ele prefere fazer reportagem, embora também faça narrações e comentários: “Eu brinco! Eu brinco mesmo, sabe? [...] Eu brinco, eu sou tipo... é o seguinte, que eu acho que o rádio, com o rádio, como a televisão, não adianta você tá com muita

seriedade, entendeu?” Ele já participou da cobertura dos mais diversos eventos esportivos por todo o Brasil, inclusive o Pan-Americano do Rio de Janeiro de 2007, mas nunca quis cobrir Copas do Mundo por não querer sair do país. Seu sonho agora é cobrir jogos olímpicos ou outro Pan-Americano.

Ao ser perguntado sobre os melhores momentos de sua carreira como radialista esportivo, Ferreira (2012) afirma: “as viagens que eu fiz, porque se fosse para pagar do bolso as viagens que eu fiz, eu andei quase todo Brasil, né? Só através de um patrocinador que é o rádio, que patrocinou todo esse meu conhecimento de jogos...” Mas também destaca dois acontecimentos, o primeiro é a cobertura de um evento cujo direito de transmissão radiofônica pertencia a uma grande emissora e que ele conseguiu “driblar”. Ele recorda que estava

Fazendo a cobertura para a Rádio Tabajara e por tabela fazia as matérias também para o jornal Correio da Paraíba. E [...] Sabe que esses eventos são eventos comprados por grandes eventos de comunicação. Você tem uma limitação, você não pode entrar em toda área, você não pode falar em qualquer canto, entendeu? O cara diz, fica ali caladinho, só observando, entendeu? Aqui só quem pode falar é [...] E eu me empolguei no jogo da decisão o handball, que tinha a paraibana Aline Rosas ganhando da Argentina, né? Faltando 5 minutos e lá ganhado, e a maior festa do mundo... Comecei narrar, entendeu? Peguei o telefone, liguei pra rádio, comecei narrar: ‘nesse exato momento Brasil tal, tal...Aline Rosas fazendo o maior sucesso...’ Aí um gringo: ‘non, non, non, non.’ Aí, pel’amor de Deus, como é que eu vou fazer... Aí o interprete chegou e disse: ‘olha ele está dizendo que você não pode narrar aqui, só quem pode ficar é a [...].’ Aí eu digo: ‘olha, eu não estou narrando, isso não é rádio, oh aqui o meu crachá, eu sou jornalista, rapaz, eu tô fazendo esse material para o jornal, o jornal está copiando, gravando pra fazer o texto.’ Aí ele cabeceou o gringo, o gringo disse: ok (imitando sotaque). E eu quando terminei, passei uma hora falando, depois do jogo, entrevistando todas as atletas, num sei o que, tal, tal, tal... Uma iniciativa que a gente teve na hora, né? [...] Mas eu digo assim, coisas que a gente, que o jornalista tem que ter esse pensamento na hora, é como o cantador de viola, o cara deu o mote você se vira, não dá pra perguntar: ‘mãe, como é? Como é que eu faço, num sei o que?, num pode ser ... tal’.

O segundo foi a improvisação para conseguir cumprir o dever de transmitir um jogo em São Paulo para a Rádio Tabajara. Ferreira (2012) relata:

Eu fui fazer uma transmissão de futebol em São Paulo e de última hora a Telefônica mudou o local do jogo, ia transmitir no campo do Nacional e ela botou pro campo de treinamento do Palmeiras e não tinha, eu digo: ‘num vou pedir linha não.’ Porque naquela época pedir linha era...entendeu? Aí, eu tive que colocar quase quatrocentos metros de fio do local de um orelhão, naquela época era orelhão, não tinha celular, não

tinha esse negócio todo, agora não, tem mil... era orelhão. Aí, peguei, emendei os fios do orelhão, levei até mais ou menos onde dava para botar a nossa cabine, rasguei o orelhão, fiz a ligação direta pra rádio e transmiti sem retorno. Para experimentar: ‘-Tá chegando o som aí? –Tá. – Começar agora, viu?’ Aí, de lá mesmo eu gritei: fitz (som de assobio). O cara começou a rodar, aí transmiti o jogo todo assim, desse jeito, sem retorno sem nada, sem saber se tava chegando aqui, com o orelhão sangrado, ligando direto pra rádio, a cobrar.

Ferreira (2012) se autodefine como “esse cidadão mesmo que é apaixonado, que ama o que faz, faria todos os sacrifícios que eu fiz pra começar a profissão novamente... Sou um cara de ajudar os mais jovens [...] um cidadão da comunicação, eu sou um soldado da comunicação, eu sou apaixonado pelo rádio.”

### **Ivan Bezerra, o campeão de audiência que quase seria músico**

Ivan Bezerra (de Albuquerque), o comentarista “campeão de audiência”, é natural de Itabaiana, Paraíba. Nasceu no dia 23 de novembro de 1932. Na adolescência tomava conta de um salão de sinuca e ajudava o pai na loja da fábrica de colchões da família. Sonhava ser músico e estudou com seu conterrâneo Sivuca.

Inclusive eu terminei, naquele tempo, o último ano que corresponde hoje ao último ano para o vestibular. Eu terminei lá esse ano juntamente com o Sivuca [...] Eu quando terminei, lá em Itabaiana não tinha outro curso superior ao que nós terminamos (médio), então uma vez eu me encontrei com Sivuca e disse: - Sivuca, vamos estudar música? Aí Sivuca disse:- éh, vamos, a gente não está fazendo nada.. Aí, comecei a estudar música lá. O maestro, por sinal tinha sido trombonista aqui da orquestra Tabajara, do maestro Mousinho e... resultado, fomos estudar música, mas Sivuca se demorou 3, 4 meses demorou muito porque ele foi logo convidado, aí ele foi pra Recife, pra rádio Tamandaré, de lá Rio de Janeiro, aí, Estados unidos, foi o homem responsável lá pelas apresentações de Miriam Batiba, e eu coincidentemente, lá em Itabaiana todo mês de dezembro tinha a festa da Conceição e a banda de música se apresentava nos terços, né? Toda noite. (BEZERRA, 2012).

Bezerra participou da banda de música da cidade como clarinetista. Em 1950, após receber o primeiro pagamento como músico foi passar férias na casa da avó em João Pessoa, cidade onde passou a residir desde então. Mas a mudança definitiva para a capital paraibana não foi planejada. Um tio de Ivan Bezerra era funcionário do D.E.R. (Departamento de Estradas e Rodagens) e conseguiu um emprego para ele.

Ele recorda que após cumprir o expediente na repartição, tinha o costume de participar de rodas conversas sobre futebol no Ponto de Cem Réis, no centro da capital, sabendo decorado escalafões de times de futebol. Essa proeza chamou a atenção de profissionais do rádio e a partir de então Ivan teve a oportunidade de ingressar no rádio esportivo, na Rádio Arapuan AM, em 1952, como rádio escuta e redator e de lá para cá nunca deixou o rádio esportivo. Bezerra (2012) lembra da primeira conversa com Otinaldo Lourenço, diretor da emissora:

Quando eu cheguei lá, Otinaldo disse:- rapaz o problema é o seguinte, eu queria que você ficasse aqui com a gente fazendo o noticiário esportivo nacional. – Rapaz, mas eu não sei bater máquina, minha caligrafia é muito ruim. – Não, tem problema não, você pode deixar as notícias tudo copiadas que aqui a gente passa limpo e vai apresentando. Eu sei que, moral da história, eu comecei, me botaram para estudar (datilografia).

Em 1953, Bezerra passou a fazer parte da Rádio Tabajara AM, emissora na qual teve início a carreira como comentarista ao substituir Virgílio Andrade na cobertura de um jogo entre Auto Esporte, de João Pessoa e Náutico, do Recife. O Nessa ocasião, foi solicitado à equipe técnica que gravasse o jogo.

Era o teste, sem me avisar, né? Pois bem, aí, resultado, fui, fiz o jogo, no domingo fui pra rádio fazer o trabalho de rádio escuta, né? E na segunda feira, tinha uma resenha de 11 horas ao meio dia, aí eu cheguei na rádio pra fazer a resenha...disseram - Virgilio está lá no departamento esportivo quer falar com você. - Que danado é que Virgílio quer? Aí fui. Quando cheguei lá: - Oi, Ivan, tudo bem? - Tudo bem. - Como foi de viagem? - Não, tudo bem, tudo legal, e o jogo aqui? -Normal, eu fiz lá meu trabalho. Disse: é, eu já conversei com Antonio Coutinho de Lucena e a partir de hoje você não vai ser mais noticiário. - Por que, vão me demitir, é? - Não, ao contrário, você agora vai revezar comigo, vai ficar como comentarista... E até hoje. (BEZERRA, 2012).

Bezerra (2012) declara não ter imaginado trabalhar em rádio: “pelo contrário, foi uma coincidência”, mas admite estar muito feliz com sua trajetória no rádio esportivo. Ivan Bezerra trabalhou também como redator esportivo do Jornal A União e do Jornal Correio da Paraíba, tendo sido também editor de esporte deste último. No rádio, passou por outras emissoras como a Rádio Sanhauá, O Norte e Correio da Paraíba. Além de eventos locais e regionais, Ivan Bezerra comentou jogos de eliminatórias de Copas de Mundo, duas Copa Libertadores, uma no Chile e outra no Paraguai. Um dos trabalhos que ele considera mais importante foi a cobertura do jogo dos 50 anos de Pelé, na Itália.

Esse jogo foi disputado no estádio Giuseppe Meazza, na Itália, em Milão porque esse foi o jogo em que, eu inclusive no dia lá, eu fiquei... Eu até me emocionei com um pronunciamento de Pelé, porque eu deixei o meu por último... Pra entregar essa escacela que ele tinha distribuído coma imprensa... Pra ele autografar. Aí, quando eu vi que não tinha mais ninguém, aí eu me sentei nunca cadeira junto dele, e ele escrevendo lá, aí quando ele terminou de escrever, aí eu olhei pra ele, digo: Pelé, dá uma rubrica aqui, dá um autógrafo na emissora onde você fez o novecentos e noventa e nove gols. Aí ele levantou a cabeça pra mim, e foi quando eu fiquei arrepiado, ele olhou assim pra mim e disse: - Como é que vai o goleiro Lula? Aí eu... Como é que esse cara, esse tempo todinho ele se lembra de Lula... Aí eu disse: - Não, Lula está bem, mora em Itabaiana, meu conterrâneo, [...] Tá bem lá. Aí ele disse: - Lula foi muito burro! Aí eu disse: - Como é que Lula foi burro, Pelé? Aí e ele disse: - Você trabalhou nesse jogo? - Trabalhei. Eu comentei esse jogo no estádio Olímpico, que hoje é a Vila olímpica Ronaldo Marinho, né? Foi no estádio Olímpico e eu trabalhei nesse jogo. Aí ele disse: -Você se lembra dum (sic) lance que o jogo ainda estava zero a zero, e como vocês dizem da imprensa, eu chutei aquela bola onde a coruja faz no ninho, a bola ia entrar e Lula, com a ponta dos dedos botou para escanteio. Quer dizer, seria o milésimo gol ele se consagraria e acabava essa história, que a gente está vindo aí de Portugal e esse pessoal de imprensa todinha para ver um besta fora de casa e todo jogo aí, eu tentando fazer esse milésimo gol, mas não sai, e aconteceu aqui esse lance. Depois desse lance você lembra o que aconteceu? Disse: -Me lembro, o treinador Antonino mandou o goleiro reserva descer pra ir trocar de roupa e lhe botou de goleiro, você terminou o jogo de goleiro. Ele: -Justamente para eu não fazer o milésimo. Aí ele terminou o jogo aqui de goleiro, entendeu? (BEZERRA, 2012).

Ivan Bezerra já participou ativamente de diversas gestões da API (Associação Paraibana de Imprensa), do Sindicato dos Jornalistas e do Sindicato dos Radialistas além da ACEP, Associação dos Cronistas Esportivos da Paraíba, onde atualmente faz parte do Conselho Superior. Continua comentando jogos pela Rádio Tabajara e não tem nenhuma pretensão de deixar o rádio: “logo cedo a turma me pergunta: - Ivan quando é que tú vai te aposentar? Eu digo: - Quando o homem lá de cima não quiser mais [...] mas enquanto ele quiser eu estou perturbando aqui embaixo, quer dizer (risos), aí pronto, eu tô por aqui.”

### **Considerações**

Não há como desconectar as histórias do rádio das histórias das pessoas que dão voz e vida a ele. São entrelaçamentos muitas vezes desconhecidos do grande público, mas que nem por isso podem ser ignorados, esquecidos, negligenciados. O pessoal e o profissional dialogam o tempo inteiro. E no caso do rádio esportivo, parece que há união de duas

paixões: rádio e esporte; que, na maioria das vezes, surgem logo cedo, na infância ou adolescência, como pudemos confirmar nas falas dos nossos entrevistados.

A manutenção, por parte dos nossos entrevistados, de carreiras paralelas ao rádio, reforça a premissa da precariedade da atividade, com a oferta de baixos salários. Mas trabalhar no setor de esporte de uma emissora que investe em grandes coberturas torna-se também uma oportunidade na vida do profissional.

As histórias dos profissionais aqui destacados nos oferecem a chance de conhecer um pouco mais sobre cada um deles, suas trajetórias, seus modos de ver o trabalho com o esporte no rádio, além das suas dicas, a exemplo das descritas por Franco Ferreira, da persistência de Ivan Bezerra, do censo crítico de Eudes Toscano e Fernando Heleno. São homens de rádio e que fazem história no rádio.

## Referências

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3 Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=vUFTgx7GXCc&printsec=frontcover&dq=o+que+%C3%A9+hist%C3%B3ria+oral?&hl=pt-R&sa=X&ei=01TqT-2HJYEs8QTTuJgk&ved=0CDcQ6AEwAQ#v=onepage&q=o%20que%20%C3%A9%20hist%C3%B3ria%20oral%3F&f=false>. Acesso em: 25 jun. 2012.

BUFARAH JUNIOR, Álvaro. **Histórias do Rádio Paulista, por Hélio Ribeiro**. Disponível em: [http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CE4QFjAA&url=http%3A%2F%2Fpaginas.ufrgs.br%2Falcar%2Fencontro-trosnacionais-1%2F3o-encontro-2005-1%2FHistorias%2520do%2520Radio%2520Paulista.doc&ei=oWnsT5uMFY-y8QS1mNnaBQ&usg=AFQjCNF3GScPmK5ZYuU6I\\_dK\\_OtBn\\_hYCouw](http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CE4QFjAA&url=http%3A%2F%2Fpaginas.ufrgs.br%2Falcar%2Fencontro-trosnacionais-1%2F3o-encontro-2005-1%2FHistorias%2520do%2520Radio%2520Paulista.doc&ei=oWnsT5uMFY-y8QS1mNnaBQ&usg=AFQjCNF3GScPmK5ZYuU6I_dK_OtBn_hYCouw). Acesso em: 20 jun. 2012.

BEZERRA, Ivan. **Ivan Bezerra**: depoimento [maio 2012]. Entrevistadora Norma Meireles. João Pessoa: Meireles, 2012. 1 arquivo sonoro em mp3. Entrevista concedida para produção de texto para a Enciclopédia do Rádio Esportivo Brasileiro.

FERREIRA, Franco. **Franco Ferreira**: depoimento [jun. 2012]. Entrevistadora Norma Meireles. João Pessoa: Meireles, 2012. 1 arquivo sonoro em mp3. Entrevista concedida para produção de texto para a Enciclopédia do Rádio Esportivo Brasileiro.

GRAMÁTICO, Dáurea. **História de gente do rádio**. São Paulo: IBRASA, 2002.

HAUSSEN, Doris Fagundes. **Trajétoria da pesquisa em rádio no Brasil**. Disponível em: <http://blogintercomradio.files.wordpress.com/2011/09/palestra-doris-fagundes-hausсен-in-tercom-recife-2011.pdf>. Acesso em: 10 set. 2011.

HELENO, Fernando. **Fernando Heleno**: depoimento [mar. 2012]. Entrevistadora Norma Meireles. João Pessoa: Meireles, 2012. 6 arquivos sonoros em mp3. Entrevista concedida

para produção do artigo A Copa de 1986 pela Rádio Tabajara AM e da Enciclopédia do Rádio Esportivo Brasileiro.

MUSTAFÁ, Izani. Memórias e histórias culturais, sociais e radiofônicas das décadas de 1940 a 1970 narradas por Jutta Hagemann. **ANAIS XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Recife, PE – 2 a 6 de setembro de 2011. CD ROM.

PRATA, Nair. Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom – 20 anos. **ANAIS XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Recife, 2 a 6 set. 2011. CD-ROM.

SOUSA, Moacir Barbosa de. **Do gramafone ao satélite**. Evolução do rádio paraibano. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2005.

TAVARES, Reynaldo C. **Histórias que o rádio não contou**. Do galena ao digital, desvendando a radiodifusão no Brasil e no mundo. 2 Ed. São Paulo: Harbra, 1999.

TOSCANO, Eudes Moacir. **Na boca do gol**. Andanças de um narrador esportivo. Campina Grande: API/ACEP/UEPB, 2007.

TOSCANO, Eudes Moacir. **Eudes Moacir Toscano**: depoimento [maio 2012]. Entrevistadora Norma Meireles. João Pessoa: Meireles, 2012. 1 arquivo sonoro em mp3. Entrevista concedida para produção de texto para a Enciclopédia do rádio esportivo brasileiro.